

PROFETAS DA NATUREZA: ver e dizer no sertão

BRUNO, Fernanda

Doutora; Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura e do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
fgbruno@matrix.com.br

MARTINS, Karla Patrícia Holanda

Doutora; Professora Cursos de Psicologia e Comunicação Social da Universidade de Fortaleza (UNIFOR)
kphm@uol.com.br

RESUMO

O presente trabalho visa a explorar o regime de visibilidade posto em prática pelos profetas da natureza no sertão cearense. Pretende-se mostrar como esse regime de visibilidade resiste ao que vem sendo a tendência contemporânea tanto no mundo midiático quanto no mundo científico. Os dispositivos de visualização dos corpos e do mundo na tecnociência, os *reality shows*, *webcams* e câmeras de vigilância seguem o princípio de tudo ver e tudo mostrar, construindo um sentido de realidade intimamente atrelado à visibilidade. Numa outra direção, seguem os profetas da natureza que, num corpo a corpo com o mundo, lêem os signos discretos da vida sertaneja e entrevêem o que não se vê imediatamente, um diálogo que remete à dimensão invisível da visão e à dimensão política da palavra.

Palavras-chave: Regime de visibilidade. Mídia. Profecias.

1 INTRODUÇÃO

Há onze anos, no segundo sábado do ano, o Centro de Diretores Logistas da cidade de Quixadá no Ceará reúne homens, em sua maioria agricultores - reconhecidos na comunidade por suas previsões sobre a chuva, e por isto chamados profetas da natureza - técnicos da Funceme (Fundação Cearense de Meteorologia) e meteorologistas amadores para fornecerem suas previsões de chuva ou seca para o inverno que se aproxima. Frente às expectativas de seca, sinônimo de morte e privação no sertão, as profecias acerca do tempo têm colocado em cena um modo particular de relação entre homem, natureza, percepção e linguagem. Os profetas, em sua maioria, seguem critérios de observação da natureza, sistematicamente reforçados nas experiências e leituras dos sinais relativos, por exemplo, à posição dos planetas, ao vento, ao acasalamento dos bichos, à barra desenhada no céu durante o Natal, ao canto dos pássaros, aos humores do corpo etc. (Cf. MARTINS, 2006).

Desse encontro, em particular da palavra e do “método” dos profetas da natureza que residem no sertão central do Ceará, este artigo deseja explorar os meios pelos quais o visível e o dizível são construídos. O interesse pelos modos de ver e dizer desses profetas da chuva não só é mobilizado pela riqueza cultural, simbólica e histórica que esta prática traz consigo, mas também pelos seus contrastes com o que vem sendo a tendência contemporânea tanto no campo midiático e audiovisual, quanto no discurso científico. Do princípio midiático e científico de tudo ver e tudo mostrar se diferencia a visão dos profetas, em que o invisível tem um papel fundamental. Frente à previsibilidade disputada pelo discurso científico, a fala do profeta se situa no limiar entre a religião e a ciência, a crença e o conhecimento. O futuro proferido nesse limiar não tem o estatuto de certeza nem de milagre, mas um sentido ético e político que desloca a significação da impotência, traçando linhas que colocam em ação os corpos da comunidade. Esses contrastes são ainda mais significativos e interessantes na medida em que no contexto em que se enunciam essas profecias da natureza também estão presentes tanto o discurso e o método científicos - as previsões meteorológicas -

quanto o registro e a difusão midiática, que confere “notoriedade” ao evento. Se os encontros, embates e contrastes entre a profecia e a ciência já estão previstos e constituem mesmo a razão de ser do evento, a presença dos meios de comunicação nesse contexto é mais recente e vem produzindo efeitos dignos de atenção. O mais patente deles é a incorporação do registro midiático no próprio Encontro, alterando os lugares e funções das falas em jogo. Nos últimos sete anos, a abertura do evento conta com a exibição do que foi gravado e difundido pelos meios de comunicação no ano anterior, adicionando uma camada de enunciação que intervém tanto nas falas dos meteorologistas quanto na dos profetas. Estes últimos são mais fortemente confrontados com tal registro, uma vez que ele traz do passado uma “prova” de verdade ou de erro, um atestado de reputação ou de descrédito que são estranhos à tradição oral, às memórias vivas e à fala política dos profetas, produzindo, também nas comunidades que recebem os prognósticos, relações distintas com os mesmos. Os aspectos e contrastes aqui apontados se tornarão mais nítidos na análise dos regimes de visibilidade e das falas postas em obra pelos profetas da chuva.

2 A PALAVRA POLÍTICA DOS PROFETAS DA NATUREZA

A tradição das narrativas orais do sertão do Ceará reserva aos profetas da chuva um papel de relevância nas suas comunidades. Aliada da poesia e dos folhetos de feira nas primeiras décadas do século vinte (CARVALHO, 2006), a voz do profeta no sertão cearense começa o seu embate com a ciência ainda nos anos 1950, diante dos prognósticos oficiais de estiagem. O embate na capital se polariza entre as previsões do renomado meteorologista Sampaio Ferraz e as profecias de Roque de Macedo. Contrário à formalização científica, onde se apartam o sujeito e o objeto a ser conhecido, este último revelava em suas previsões pluviométricas a sua intimidade com o mundo natural e a textualidade da natureza (RIOS, 2006). Muitos outros personagens anônimos, espalhados pelo sertão, ganhavam então reconhecimento. Homens que, na sua relação de enfrentamento com o trabalho, a terra e os bichos, observavam os fenômenos da natureza e desenvolviam métodos de previsão do tempo, denominados por eles de “experiências”.

Atualmente, como vimos, o encontro dos profetas com a ciência possui data e lugar marcados. As narrativas proféticas destes agricultores (em grande maioria) acerca do tempo, das chuvas ou da ausência delas, têm colocado em cena um modo particular de relação entre a natureza e a linguagem. Na contra-mão de um discurso ecológico que esvazia o lugar do homem no natural ou mesmo na retomada contemporânea do

natural como o espaço idílico, ausente de conflitos, repousante, o lugar *reservado* ao lazer (presente na idéia dos *resort*, por exemplo) - a natureza, na sua intimidade com o trabalho e a ética, é linguagem: “livro aberto”, nas palavras do profeta Chico Leiteiro. São, portanto, múltiplos os sentidos do texto-natureza. As profecias que antecipam os ditos da natureza se diferenciam, ainda, de uma tradição profética inspirada no messianismo e na idéia de um paraíso terrestre, pautada pelo imaginário do milagre. As profecias relativas ao tempo climático partem da imprevisibilidade, excluída da dimensão do milagre, e da incerteza quanto ao futuro.

Indagado sobre sua idéia de natureza, o profeta João Ferreira responde que a leitura dos sinais da natureza se dá através do modo como o seu corpo responde aos mesmos: ler os sinais da natureza é ler, com o corpo, as inscrições que apelam a um sentido que será compartilhado na cultura. As experiências que devem antecipar a previsão do tempo é um saber de valor diferenciado dos demais por representar um testemunho do corpo-ação e dos sentidos. Deste modo, a experiência é o que nos permite partilhar o sensível e construir uma memória que se inscreve em uma comunidade humana.

E qual a função da profecia enquanto uma ação narrativa? Walter Benjamin (1996) propõe que na verdadeira narração alma, olho e mão estão inscritos no mesmo espaço: o invisível, o visível, e o trabalho. Na narração, a mão intervém decisivamente, com seus gestos, aprendidos na experiência do trabalho. Benjamin pergunta-se: não seria esta experiência a matéria prima da experiência de narrar, como forma expressiva de conhecer? A experiência com o trabalho e as mãos como o que sustenta os fluxos significantes de dizer o impossível, transformando a experiência em algo sólido, único e útil.

A promessa sempre foi reconhecida na tradição ocidental como uma força estabilizadora da esfera pública seja pela sua inclinação aos pactos e às alianças, seja pela sua capacidade de cumprir os acordos tratados, aponta Hannah Arendt (1999). A promessa capaz de aliança não exclui a dimensão do imprevisível:

(...) a impossibilidade de permanecerem como senhores únicos do que fazem, de conhecerem as conseqüências dos seus atos e de confiarem no futuro é o preço que pagam pela pluralidade e pela realidade, pela alegria de conviverem com outros num mundo cuja realidade é assegurada a cada um pela presença de todos. (...) Quando as promessas perdem seu caráter de pequenas ilhas de certeza num oceano de incertezas, ou seja, quando se abusa dessa faculdade para abarcar todo o futuro e traçar caminhos seguros em todas as direções, as promessas perdem seu caráter de obrigatoriedade e todo o empreendimento tornar-se contraproducente. (ARENDR, 1999, p.255-6).

Assim, quando as pessoas “agem em concerto” (ARENDT, 1999, p.256), a força que as mantém unidas é a da promessa e do contrato mútuo. A promessa seria a força que mantém unidas as ações nesta comunidade, enquanto capacidade de dispor do futuro como se este fosse o presente. (ARENDT, 1999, p. 257).

Seguindo nesta direção, podemos ainda afirmar que a construção dos laços sociais depende da suposição de que a verdade, enquanto uma produção de linguagem, é sempre inacabada. As previsões sobre o tempo interpelam os limites do saber produzidos pelo homem, desde épocas imemoriais. A ciência também reconhece neste campo seus limites. As comunidades que dependem da previsão dos órgãos oficiais, costumam brincar: “se a Funceme diz que vai chover não plante!” Confrontados com as hiências do saber científico, os profetas da natureza conquistam a sua competência discursiva quando são capazes de com humor sentenciar ao que ao final os profetas “são todos mentirosos”.

Deste modo, o encontro dos profetas e a afirmação de suas profecias, corretas ou não, criam novas configurações do sensível nas quais estão circunscritas a ética do fazer, do ser e do dizer. Na Antiguidade, Sócrates dirigia-se a Fedro argumentando que os nossos ancestrais, quando escutavam que os deuses se exprimiam, por exemplo, através do barulho dos ventos, não se preocupavam com a origem da mensagem, contanto que ela fosse verdadeira. De que verdade estaríamos falando, senão daquela que pode ser comunicada no ritmo livre do espírito do humor e da graça? As profecias do sertão ao se deslocarem do sentido da impotência, em nome da importante capacidade de se iludir, de produzir ação e continuidade, reeditam um testemunho de desejo e sonho. A morte não se opõe à vida. Dada como certa, não é necessariamente o que paralisa o sujeito. Nas palavras de Chico Mariano, um dos profetas: “Uma coisa é certa é nascer e ter que morrer, porque ainda não chegou o tempo de nascer e não morrer. Porque quando chegar este tempo é parado.” Esta é uma ética a ser revisitada em meio a uma sociedade que, impedida de estabelecer a partilha entre os homens, nos duplos sentidos resgatados por Rancière (1995) - separar e participar -, produz sujeitos entristecidos, solitários, acuados na impossibilidade de construir laços fraternos. (Cf. MARTINS, 2006, p.15).

A palavra política do profeta e a constituição de um mundo comum nela implicada envolve, ainda, um modo particular de partilhar o visível. A visão profética não se confunde nem com as previsões científicas nem com as religiosas; o futuro não é previsto como cálculo de probabilidades nem como revelação, ele é sim enunciado como o possível que organiza o presente em torno de um horizonte comum. O visível suposto no dito profético não é um “mais ver”, não é uma visibilidade ampliada.

Diferentemente, o visível encontra sua condição de possibilidade numa relação estreita com o invisível.

3 O VISÍVEL E O INVISÍVEL NAS PROFECIAS DA NATUREZA

Na leitura da natureza, colocada em prática pelos profetas da chuva no sertão cearense, podemos reconhecer um regime de visibilidade bastante distinto daquele que o mundo midiático e científico contemporâneos nos apresentam cotidianamente. Na esfera midiática e audiovisual, *reality shows*, *webcams*, câmeras de telefones celulares e câmeras de vigilância seguem o princípio de tudo ver e tudo mostrar, construindo um sentido de realidade extremamente atrelado à visibilidade. As subjetividades contemporâneas são amplamente afetadas por este princípio de visibilidade midiática e encontram aí um lugar privilegiado de aspiração e realização.

A exposição da intimidade, da vida privada e da banalidade quotidiana nos meios de comunicação testemunha essa tendência. Essas imagens que tudo pretendem mostrar são, em geral, imagens sem segredo, sem sombra, que esgotam o olhar na sua superfície mesma. Usualmente, não há nem dentro nem fora, nem alguém nem além remetido nessas imagens. Numa via semelhante, a tecnociência amplia as margens do visível e constrói sistemas de visualização que nos levam do infinitamente grande ao infinitamente pequeno, num intento de revelação máxima dos corpos e mentes, desfazendo as fronteiras naturais entre interioridade e exterioridade, próximo e longínquo etc.

Na contra-mão desta promessa de visibilidade máxima, seguem os profetas da natureza do sertão cearense. Num corpo a corpo com o mundo, os profetas lêem os signos discretos da vida sertaneja - abelhas, formigas, ventos, cheiros, calores - e entrevêm o que não está aí, o que não se vê imediatamente: o tempo futuro, no duplo sentido - a chuva ou a seca por vir. Tendo em vista analisar esse outro regime de visibilidade presente nas profecias sertanejas, tomamos como referência a fenomenologia de Merleau-Ponty, particularmente o diálogo entre o visível e o invisível proposto pelo autor. Partimos da idéia de que “ver é sempre ver mais do que se vê” (MERLEAU-PONTY, 1992), para mostrar como ela implica não uma hipertrofia do visível (vigente nas subjetividades assediadas pela mídia e pela tecnociência contemporâneas), mas uma reserva, uma dimensão de invisibilidade que se afirma como a condição de possibilidade da visão. Esta perspectiva implica uma relação com o visível onde este guarda segredos, onde as coisas têm uma opacidade a ser desvelada, onde o que se dá a ver supõe sempre um diálogo com o que não se vê e não se revela imediatamente. Há na visão uma forma de cegueira, uma dimensão de invisibilidade.

Nas palavras de Merleau-Ponty:

[...] quando digo que todo visível é invisível, que a percepção é impercepção, que a consciência tem um “ponto cego”, que ver é sempre mais do que se vê - é preciso não compreender isso no sentido da contradição: é preciso não imaginar que acrescento ao visível ... um não visível (que seria apenas uma ausência objetiva, isto é, presença objetiva alhures...); é preciso compreender que é a visibilidade mesma que comporta uma não-visibilidade.”(MERLEAU-PONTY, 1992):

O invisível, assim concebido, não é uma outra visibilidade alhures nem uma impotência, mas a própria condição da visibilidade. Trata-se aqui do enigma da visão. A fala do profeta Chico Leiteiro enuncia esse enigma: “De letra não entendo quase nada, não... mas de natureza... é outro livro aberto. Às vezes o cabra diz: ‘Como é que você entende?’ Meu amigo, ver é uma coisa, conhecer é outra” (MARTINS, 2006, p.81).

A fala do profeta encontra ressonância na perspectiva do filósofo aqui em questão, que entende a percepção como diálogo de um sujeito situado e corporificado com o mundo. A natureza não é, para aquele que percebe, um espetáculo nem uma representação, mas um interlocutor com o qual se trava um diálogo. O mundo, diz Merleau-Ponty, é o “correlativo” do meu corpo. Antes de ser um objeto de conhecimento, o mundo nos fala através das trocas físicas que estabelecemos com ele - este ‘diálogo’ é feito de significações vitais que só expressam as coisas em função das intenções motoras e das tomadas que projetamos sobre elas. O sensível - cores, odores, impressões táteis - não é nem o material inerte de nosso conhecimento nem simples informações subjetivas, mas a expressão da coexistência e da convivência de meu corpo com as coisas. Uma cor, por exemplo, só me revela um aspecto da coisa colorida enquanto ela desperta em meu corpo uma certa conduta sobre ela. O mundo, assim, se expressa segundo “fisionomias”. A coisa percebida não é, pois, uma realidade positiva, mas antes um sentido que se desenha de maneira alusiva. Noutros termos, a fisionomia da coisa sempre se antecipa à própria coisa.

O corpo dos profetas parece travar um diálogo com as fisionomias da natureza e nelas recolhe os signos de tempos futuros. Os signos de um bom inverno listados por eles deixam claro esse processo: o calor excessivo; a presença de muitas teias de aranha nas portas e janelas; o deslocamento das formigas pretas e vermelhas para o alto; os relâmpagos na costa sul no mês de outubro; o cupim gordo cheio de fios e criando asas; o suor pesado do corpo prenunciando a chuva. O profeta João Ferreira, vaqueiro na juventude, aprendeu com o vento a ler em seu corpo os sinais da natureza, nas suas palavras: “(...) aparece tanta coisa quando é para chover: aparece dor de

dente quando a terra se revolta, um reumatismo nos ossos, nas pessoas aquela dor, (o corpo vai sentindo) quando a terra muda para outro clima”¹.

O testemunho do corpo remete a uma experiência em que o corpo assediado pelo mundo responde significando, explorando antes de representá-lo. Trata-se de uma experiência singular, por aproximação, sem a representação de uma totalidade. Deste modo, recolher na natureza os signos de um tempo por vir é colocar em obra uma relação com o visível em que o invisível está implicado. Pois embora remeta a uma incompletude, o invisível implica um “ver além”, na medida em que indica que o visível tem uma espessura, encobre um excesso de realidade que convida à exploração. Por isso “ver é sempre ver mais do que se vê”, por isso também a visão não é conhecimento nem representação de uma totalidade; é relação e abertura a um mundo que sempre se revela por aspectos e perfis, guardando em todo visto a promessa de um *por ver*. É neste sentido que os profetas da chuva mantêm com o mundo um diálogo que remete à dimensão invisível da visão, fazendo o visível prometer tempos futuros. Nessa promessa, o que se reinventa é nada menos que a vida.

Esse regime de visibilidade posto em prática pelos profetas da chuva integra o que poderíamos chamar de um “método” atrelado a uma forma particular de “saber” que, como vimos, não se confunde nem com o conhecimento científico nem com um modelo representacional do mundo, diluindo o lugar clássico do espectador. Esse “saber”, denominado pelos profetas de “experiência”, envolve uma condição do sujeito que Lacan nos ajuda a compreender. Nos seus seminários do ano 1964, Lacan retoma o dito de Picasso - “eu não procuro, eu acho” -, para colocar em cena a dimensão do desejo e da fantasia na construção do saber. Subverte o dualismo freudiano (olhar/atividade - ser visto/passividade) e coloca em cena a divisão do sujeito entre a visão e o olhar. Tomando o sonho como modelo, propõe a dissociação do olho e do olhar. A tela do sonho, por exemplo, simultaneamente, mostra e olha: o que caracteriza as imagens oníricas é que o que é visto também mostra (LACAN, 1985[1964], p.76). O profeta Joaquim Santiago assim descreve as suas experiências em seus sonhos:

Com certeza as minhas experiências são os sonhos e outras coisas mais que também (...) O sonho deste ano tá com duas veis que eu sonho com três espiga de milho graúda, espaiada em cima de uma mesa, espaiada, bonita, bonita, beleza mesmo. Aí eu digo: “Ô coisa mimosa!” Aí sonhei de novo já duas veis e só encontro legume, mio todo maduro, a água apanhando por dentro, eu dizendo: “Mas olha aqui que coisa mimosa!!!”. Eu manheço o dia decorado [o sonho] com ele bem direitinho; porque tem pessoa que amanhece o dia: “Sonhei não sei com quê”, mas não alembra mais; mas eu parece que é algo vivo mesmo, parece que é algo vivo mesmo. (Depoimento publicado

em MARTINS, 2006, p.107)

A indicação do sonho é profética na íntima relação entre o que é dado a ver e o desejo. No sonho, as espigas se insinuam mimosas. Os sonhos *realizam* desejos, esta é a proposição freudiana. Como já dissemos, não se trata também aqui da representação de um todo, mas da possibilidade de abertura para a experiência com e através do outro.

A torção realizada por Lacan, iniciada ainda em 1949 no texto sobre o espelho do espelho (1996), nos permite afirmar que o sujeito participa dos regimes de visibilidade através do olhar de um outro. Desde modo, podemos afirmar que a primeira modalidade de existência é ser imagem para um outro - ser é antes de tudo ser percebido.

Em um importante diálogo com o texto lacaniano sobre a função do espelho na construção da nossa dimensão subjetiva, o psicanalista inglês Donald Winnicott (1985), enfatizará que o ser percebido é condição para a sensação de sentir-se existindo. Todavia, o princípio de visibilidade aqui anunciado não se refere a um ato de representação, mas a um registro afetivo, condição de possibilidade para a criação. Na raiz do perceber há, simultaneamente, o ser percebido e o gesto criativo.

Perceber é uma ação em que o objeto não é um mero coadjuvante no olhar. Afirma Lacan que este olhar que eu encontro é “um olhar imaginado por mim no campo do Outro” (1985[1964], p.84). Por este motivo podemos dizer que o olhar do profeta para a natureza tem um sentido ético e não ôntico - olhar a natureza é confirmar a presença de outrem. “Somos seres olhados no espetáculo do mundo” (Lacan, 1985[1964], p.76). Na sua relação com a natureza, o profeta conclui por uma ética em que o objeto é sujeito. Quando o Sr. Antonio Lima olhas os cupins, o movimento das formigas - veja o que diz:

Tudo é a natureza. Porque a senhora ver um sapo por aqui pra baixo do Cedro ... passa seis meses debaixo de um pedra e quando tá para chover ele acelera, porque a terra se balança, porque *a terra mostra a ele*, ele vai cantar; outro vai fazer o ninho, o passarinho vai fazer o ninho porque vai chover e ele vai ter o que comer para dar aos filhos dele, a abelha vai fazer o capucho, o inxuí vai ter os filhos porque vai ter as flores para ela tirar o mel pr' eles comer e muitas coisas: as águas pega a crescer, o céu fica mudando a cor, a sariema canta no tronco da serra, a mãe-da-lua meia noite chama. (MARTINS, 2006, p. 27, grifos nossos).

Destaca-se também da fala do profeta o seu prestar atenção ao mundo. Aqui retomamos uma dupla perspectiva do ‘prestar atenção’ na metapsicologia freudiana: uma atenção com vistas à antecipação, prestar socorro ao eu no seu processo de defesa

e, deste modo, também responsável pela intuição, por uma ação do pensamento; e a atenção flutuante. Este último modelo proposto por Freud, nos remete à função psíquica onde o prestar atenção têm as características não apenas de sobrevôo, redução ou apoderamento, mas também as de aproximação e abertura.

Deste modo, a força do dito profético está na capacidade de evocar, mais que representar. São experiências de descentramento, onde se apagam as fronteiras do eu. São experiências que denunciam o engodo do tempo e da memória, em que o afeto se atualiza como percepção e não como lembrança. O que está em questão é uma identidade de afetos e não de conteúdos. O desejo é vivido como uma indicação profética, produzindo uma escrita que testemunha as relações entre corpo e linguagem. Podemos aqui retomar as palavras de Jacques Rancière (1995), “há escrita desde que há profecia, ou seja, inscrição de uma palavra chamando o corpo vindouro de sua verdade, figura provada por sua realização posterior” (RANCIÈRE, 1995, p. 55). O homem-profeta experimenta a sua existência/visibilidade através do reconhecimento da sua palavra. É também neste sentido que podemos resgatar o sentido político a palavra do profeta enquanto uma ação que, como já foi dito, põe em movimento outros corpos daquela comunidade e novas ações entre os homens.

Através dos Encontros anuais, o espaço público testemunha a visibilidade dos sujeitos, sustentando-os no fio do tempo e da história. Os profetas assim se destacam enquanto portadores de uma palavra capaz de prometer (no sentido a que nos referimos a partir de Hannah Arendt) e de tecer laços sociais. Se de um lado podemos pensar que a dimensão espetacular do Encontro expressa a apropriação midiática da palavra do profeta; por outro, a palavra profética tornada pública é ela mesma meio, mensagem, que faz cumprir a sua função política. A exposição do profeta e de sua profecia não é um mero artifício de alcançar a visibilidade narcísica, mas uma estratégia de, sendo visto pelo outro, experimentar a sua própria existência, experimentar a sua capacidade de ação, já que constitui-se aí um espaço público onde se estabelecem e se desestabilizam as relações de poder. Certamente, o Encontro corre o risco - apropriado pelo espetáculo midiático e exigido pelos critérios de cientificidade - de ver a palavra do profeta esvaziada de sua força política. Convém lembrar, contudo, conforme aponta Kehl a propósito do que Foucault afirma em “A vida dos homens infames” (1992), que é “no confronto com o poder que uma vida adquire o direito de ser contada, gerar sua pequena lenda e passar a fazer diferença entre outras vidas comuns” (KEHL, 2004, p.150). Assim pensada, a profecia se afirma como uma forma de recolocar em cena o lugar da tradição, recolhendo, pelo cruzamento com o discurso científico e com a visibilidade midiática, o reconhecimento da comunidade a

qual pertencem. Opera-se aí a face política do visível e da palavra.

ABSTRACT

The present paper aims to explore the visibility regime practiced by nature prophets in Brazilian northeastern "sertão". We intend to show how this visibility regime resists to what has been a contemporary tendency both in the media and in the scientific worlds. The techniques of body visualization, reality shows, webcams and surveillance cameras follows the principle that everything must be shown and seen, building a sense of reality extremely related to the visibility. On the other extreme we will find the nature prophets. They read the signs of northeastern life and foresee what is not immediately visible, in a dialogue that reveals the invisible dimension of vision and the political dimension of language.

Key-words: Visibility regime. Midia. Prophecies.

RESUMEN

El presente trabajo explora el régimen de visibilidad puesto en práctica por los profetas de la naturaleza en el "sertão" de Ceará. Pretendemos mostrar como este régimen de visibilidad resiste a lo que es una tendencia contemporánea tanto en el mundo mediático cuanto en el mundo científico. Los dispositivos de visualización de los cuerpos en la tecnociencia, los reality shows, webcams, weblogs, cámaras de vigilancia siguen el principio de todo ver e todo mostrar, construyendo un sentido de realidad extremadamente vinculado a la visibilidad. En el otro extremo de esta promesa de visibilidad máxima, siguen los profetas da natureza. Los profetas leen los signos discretos de la vida en el "sertão" e entrevenen lo que no se ve inmediatamente, en un diálogo que remete a la dimensión invisible de la visión e a la dimensión política de la palabra.

Palabras-llave: Régimen de visibilidad. Media. Profecía.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.
- BENJAMIM, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- CARVALHO, Gilmar. Poesia e profecia nos folhetos de feira. In: MARTINS, Karla Patrícia Holanda. (Org.). **Profetas da Chuva**. Fortaleza: Editora Tempo d'Imagem, 2006, p.131-137.
- FOUCAULT, Michel. "A vida dos homens infames". In: **O que é um Autor?** Lisboa: Veja, 1992.
- KEHL, Maria Rita. Visibilidade e espetáculo. In: BUCCI, Eugênio e KEHL, Maria Rita. **Videologias: ensaios sobre a televisão**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004, p.141-161.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 1985.

_____. “O estádio do espelho como formador da função do eu” In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

MARTINS, K. P. H. (Org.). **Profetas da Chuva**. Fortaleza: Editora Tempo d’imagem, 2006.

MERLEAU-PONTY, M. **O visível e o invisível**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.

RANCIÈRE, Jacques. **Políticas da escrita**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

RIOS, K. A natureza entre ciências e profecias. In: MARTINS, Karla Patricia Holanda. (Org.) **Profetas da Chuva**. Fortaleza: Editora Tempo d’imagem, 2006, p. 138-143.

WINNICOTT, D. O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil. In: **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

¹ Depoimento colhido em 2004 por ocasião da pesquisa que deu origem ao livro **Profetas da chuva**.